

AS RELAÇÕES E DIFERENÇAS DO CONCEITO DE SABEDORIA EM SÊNECA E NO RELATÓRIO JACQUES DELORS

José Joaquim Pereira Melo¹

Gloria Maria Machado Gouvêa²

RESUMO

A preocupação com a formação do homem é uma constante, desde a antiguidade. Para discutir essa ideia privilegiou alguns conceitos de Sêneca (Século I), referente à formação do homem sábio e os caminhos para alcançar a sabedoria contida em suas Cartas a Lucílio. E para discutir a formação do homem contemporâneo optou-se pelo Relatório Jacques Delors, apresentado para a UNESCO, com o intuito de pensar a educação para o século XXI. Não iremos comparar ideias ou sobrepor pensamentos, o objetivo é encontrar possíveis aproximações entre esses dois, embora guardando as suas respectivas diferenças de tempo, cultura, intenções e propostas.

Palavras chave: Sêneca. Cartas a Lucílio. Relatório Delors. Educação.

ABSTRACT: The concern for the formation of man has been a constant since ancient times. To discuss this idea, it has been favored some concepts of Seneca (1st Century), referring to the formation of the wise man and the ways to reach the wisdom contained in his Letters to Lucilius. And to discuss the formation of contemporary man, the Jacques Delors Report was chosen, presented to UNESCO, aiming to think about education for the 21st century. We will not compare ideas or superimpose thoughts; the purpose is to find possible approximations between these two, while keeping their respective differences of time, culture, intentions and proposals.

Keywords: Seneca. Letters to Lucilius. Delors report. Education

¹ Doutor em História e Sociedade e professor do DFE/PPE/UEM – Universidade Estadual de Maringá

² Acadêmica do quarto ano do curso de licenciatura em pedagogia da UEM

Trabalho apresentado como requisito parcial de aprovação no curso de licenciatura de pedagogia da UEM

1. Considerações Iniciais

Lúcio Aneu Sêneca, nasceu em Córdoba na Espanha, por volta do ano 4 a. C. e 1 a. C. influente no meio político, pela sua linhagem familiar e sua desenvoltura na oratória, Sêneca deixou-se conduzir pela Filosofia com raízes Estóicas, em que encontrou respostas para seus questionamentos sobre a vida e questões que atormentavam o homem de seu tempo. Essa escola filosófica orientava para uma vida de virtudes, de contemplação e perfeição, de modo que o homem deveria abandonar os vícios e os sentimentos que o aprisionavam desviando assim da felicidade e da sabedoria. Portanto, cabia ao homem buscar por seus próprios méritos o caminho que o levasse a condições de sábio.

Nesse trabalho iremos tratar do homem sábio, pensado por Sêneca e seus possíveis reflexos na contemporaneidade. Para esse exercício utilizaremos *Cartas a Lucílio* de Sêneca, escritas de 63 a 64 e o Relatório Jacques Delors, intitulado *Educação: Um Tesouro a Descobrir*, apresentado a UNESCO, pela Comissão Internacional sobre Educação para Século XXI, produzido em 1996. Não temos o objetivo de nos aprofundar nas políticas públicas, seja de estado ou de governo, não sendo esse o nosso campo de pesquisa. Queremos apenas por meio desse, pensar questões educacionais que contemplam a formação do homem, existentes quer em Sêneca quer em Jacques Delors.

O Relatório Delors foi o resultado das discussões da comissão internacional para educação do Século XXI, em 1993, financiada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), que lhes ofertou todo o suporte necessário para pesquisa e elaboração do documento. Todavia, a comissão teve a autonomia para elaborar o mesmo, cuja presidência esteve a cargo de Jacques Delors e mais 14 integrantes de diversos países, encarregados de pensar a educação para o século XXI. E um dos seus desafios era pensar uma educação que considerasse as dificuldades particulares existentes pelo planeta (DELORS, 2010).

Vale considerar, que a preocupação com a formação de um homem ideal não é uma discussão recente, mas que vem percorrendo um longo caminho,

desde a antiguidade, e permanece atual até o presente momento. Exemplos podem ser tirados dos grandes pensadores da antiguidade que dedicaram os seus pensamentos na busca da formação de um homem ideal. Nesse rol dos grandes pensadores antigos foi feita uma opção por Sêneca, que orientou sua vida e o sua reflexão na teorização desse homem que pensou ser ideal. Em Delors, encontramos a mesma preocupação, formar o homem para o seu tempo, diante disso, nossa proposta é identificar pontos de convergências e/ou aproximações, bem como o que os diferenciam, considerando que as preocupações e que os tempos históricos são distintos. Dessa forma, para uma melhor compreensão sobre os conceitos do homem presente nas orientações dos dois autores, foram levantadas algumas questões. O homem de Sêneca e o homem de Delors, guardando as devidas diferenças e particularidades, comportam os mesmos questionamentos quanto as suas formações? Quais conceitos podem se aproximar nas propostas formativas desses dois modelos formativos? Exemplos podem ser tirados da sabedoria proposta por Sêneca e do conhecimento proposto por Delors; da educação ao longo da vida, em Sêneca e a educação permanente em Delors; da união entre os homens, preocupação Sêneciana e a harmonia social postulada por Delors. Vale lembrar, que a preocupação não é comparar ou sobrepor essas propostas formativas, mas identificar onde elas podem cruzar possíveis ecos da antiguidade no presente. Para tanto, iremos fazer uma breve reflexão das condições históricas da produção do pensamento de Sêneca e de Delors, considerando a formação desses homens que consideram ideal para os seus respectivos tempos.

2. O estoicismo: Sêneca como integrante da terceira fase estóica

Para que se possa entender o pensamento de Sêneca e do Relatório Delors, faremos uma breve contextualização histórica considerando os conflitos sociais em seus respectivos tempos, para que assim possamos entender suas perspectivas e ideias de formação do homem.

As conquistas de Alexandre Magno (359 - 323 a. C.) promoveram uma interação entre as culturas em que estavam sobre seu domínio, pelo qual a

cultura grega (helênica) se encontrou com a cultura Oriental, o que se constituiu o que convenientemente denomina-se de helenismo. Deste modo, os gregos que outrora viviam para a polis, não se entendendo fora da sua cultura e nem permitindo o envolvimento com outros costumes se depararam com novos horizontes. Agora o cidadão grego não vivia mais para a polis e sim para um império, não poderia mais se envolver com a política, que se centralizou numa máquina administrativa central adotada pelo império o que lhe restou foi voltar-se para si mesmo, para a sua interioridade.

A cápsula do mundo clássico helênico, que havia destilado uma quinta-essência do seu espírito, enclausurando em sua pequena redoma, a *polis*, tinha sido rompida por Alexandre e os seus saberes acumulados ficaram à disposição de outros povos. (PEREIRA MELO, 2015, p. 24).

Foi então com forte influência helênica que o estoicismo surgiu, com Zenão (336-263 a. C.) em Atenas, marcando a primeira fase, o estoicismo antigo. Tinha como propósito pensar o homem em sua individualidade e não mais na sociedade em sua totalidade. Assim as novas orientações filosóficas buscavam uma resposta para quem era esse novo homem na sociedade, que não partilhava mais da vida pública, os seus pensares se dirigiram para dar-lhes tranquilidades a suas inquietações.

Tornou-se, desse modo, fonte na qual o homem livre helenístico, o antigo cidadão grego, iria buscar os valores que antes encontrava na *polis*. Para tratar da intimidade, da vida interior, subdividiu-se em diversas correntes. O epicurismo, o ceticismo e o estoicismo foram às principais correntes pelas quais se organizaram regras de conduta, “artes de viver”, “filosofias de vida”. A rigor, as reflexões passaram a se concentrar no problema da liberdade individual (PEREIRA MELO, 2015, p.28).

Essa mudança na sociedade trouxe conflitos para esse homem que vivia para a vida pública e encontrava nesse aspecto a felicidade e agora se depara com vazio, o silêncio da individualidade.

O estoicismo trazia em seu pensamento a busca da interioridade pela paz e felicidade da alma. O homem sábio agora é o modelo ideal, “à medida que o homem se aproxima da sabedoria, via nela o único e verdadeiro caminho da paz de espírito e da felicidade” (PEREIRA MELO, 2015, p.31).

Com Panécio de Rodes (180 a.C.-110) o estoicismo chega a Roma por meados dos anos 150 a.C., com a sua tendência voltada ao ecletismo, Panécio dá um novo rumo aos pensamentos estoicos, agora a liberdade do homem e sua moral estão voltadas à ação, o que condizia com os anseios Romanos (NOVAK, 1999, p.266). Marcando assim, a sua segunda fase, sendo essa a fase média do estoicismo.

E por fim, chegamos à terceira fase do estoicismo, a qual Sêneca é o expoente principal, a fase nova. Nessa fase Sêneca propõe ao homem, buscar o caminho da felicidade, deixar os vícios, os prazeres da vida e se dedicar a uma vida tranquila, intimista buscando a liberdade da alma. O homem pensado por Sêneca busca a sabedoria como modo de vida.

3. O Relatório Delors e sua proposta formativa

Os problemas educacionais enfrentados pelas diversas nações levaram a UNESCO a pensar em um modelo educacional que pudesse alcançar esses países, com as suas mais diferentes situações e particularidades. Um modelo que servisse como guia didático. Para tanto, a Fundação solicitou ao Diretor Geral Federico Mayor a convocar uma comissão, a fim de discutir a educação e a aprendizagem para o século XXI. Sendo assim, Mayor convidou o Frances Jacques Delors, ex-presidente da Comissão Europeia (1985-1995) para presidir as reuniões. Forma-se então, a comissão internacional para o século XXI, contando com a participação de mais catorze convidados.

Os participantes desses grupos de trabalho representavam uma ampla gama de atividades, profissões e organizações relacionadas, direta ou indiretamente, com a educação formal ou não formal: professores, pesquisadores, estudantes, integrantes do governo, membros de organizações governamentais e não governamentais, no plano nacional e internacional (DELORS, 2010, p.40).

Sendo eles, In'am Al Muftiex- ministra do Desenvolvimento Social da Jordânia; Isao Amagi, conselheiro especial do ministro da Educação do Japão; Roberto Carneiro, ex-ministro da Educação em Portugal; Fay Chung de Zimbábue diretora do Education Cluster (UNICEF, Nova Iorque); Bronislaw Geremek da Polônia, Historiador; William Gorham dos Estados Unidos

especialista em política pública; Aleksandra Kornhauser da Eslovênia, especialista de relações entre desenvolvimento industrial e proteção do meio ambiente; Michael Manley da Jamaica, professor universitário; Marisela Padrón Quero da Venezuela, ex-ministra da Família; Marie Angélique Savané do Senegal, socióloga e diretora da Divisão da África (FNUAP, Nova Iorque); Karan Singh da Índia, diplomata e várias vezes ministro, em especial da Educação e da Saúde; Rodolfo Stavenhagen do México, pesquisador em ciências políticas e sociais; Myong Won Suhr da Coreia do Sul, ex-ministro da Educação, presidente da Comissão Presidencial para a Reforma da Educação (1985-1987) e Zhou Nanzhao da China, especialista em educação vice presidente e professor do Instituto Nacional Chinês de Estudos Educacionais (DELORS, 2010). Todos com a missão de encontrar um resultado pertinente para ajudar a solucionar ou amenizar problemas que surgiram no caminho ao conhecimento e pensar a formação do homem para uma sociedade mais humanizada.

A Comissão Internacional foi oficializada em 1993, financiada pela UNESCO, que dispôs todas as condições necessárias para uma pesquisa ampla no âmbito da educação tentando encontrar soluções para os problemas educacionais apresentados pelo mundo, e uma das suas primeiras dificuldades, era considerar e contemplar a diversidade existente pelo planeta.

Centralizada em Paris, a comissão contou com a colaboração de personalidades renomadas, em que puderam compartilhar perspectivas diversas, essas colaborações partiram de convite e realizadas via postal ou entrevistas e solicitação de documentos inéditos. Foram oito encontros plenários e várias reuniões extras ao longo de trinta meses, participando de reuniões governamentais e não governamentais e por algumas vezes convidaram ONGs para compartilhar suas perspectivas. Todas as participações tiveram âmbito direto e indireto com o setor educacional (DELORS, 2010).

Considerando a gama de informações a comissão teve a missão de selecionar o essencial para contribuir com o objetivo. Para tanto, foram escolhidas seis pistas de reflexão de trabalho para ser o fio condutor dessa pesquisa. “educação e cultura; educação e cidadania; educação e coesão

social; educação trabalho e emprego; educação e desenvolvimento; educação pesquisa e ciência” (DELORS, 2010), sendo ainda contemplados três temas transversais, ligados ao sistema de ensino, sendo “as tecnologias da comunicação; os professores e o processo pedagógico; o financiamento e a gestão” (DELORS, 2010).

Destarte, podemos entender em toda a organização disposta, mobilizando vários setores e de localidades diversas a preocupação com a formação do homem e a sociedade, seus percursos e seus objetivos em relação ao social e o educacional. Nesse contexto, fica evidente os constantes questionamentos sobre o desenvolvimento que intriga o indivíduo em sua particularidade e seu envolvimento com o todo.

4. Sêneca e Delors, perspectivas de educação

Lúcio Aneu Sêneca, com toda sua formação intelectual, voltado para a retórica, filósofo, influente no meio político e dado ao gosto pela escrita, teve uma notável participação na história, pela preocupação evidente com a formação do homem de seu tempo, considerando o sofrimento social em que vivia decorrente de um caos político, insegurança e o declínio do império (PEREIRA MELO, 2007).

Sêneca atribui ao processo educativo à responsabilidade de fazer o homem melhor, por extensão e reorganizar as práticas sociais. Entendia que era necessário despertar no homem o desejo pela vida virtuosa que o traria felicidade e por fim a condição de sábio. Para tanto, era preciso que esse homem viesse a se conhecer, para entender os seus próprios conflitos, voltava-se para seu próprio interior.

Na realização dessa ação educativa, o que levaria à formação do sábio, do agente social que responderia às necessidades do seu tempo, não eram as habilidades intelectuais e a assimilação da cultura, mas a regeneração do homem (PEREIRA MELO, 2007).

Com a perspectiva de recuperação a moral e a espiritualidade desse homem, Sêneca, apresentou a escola sendo a regeneradora, lugar que deveria se despertar para esse bem, “o lugar onde se investigam as qualidades do

homem de bem, donde se aprende a sê-lo” (SÊNECA, Cartas a Lucílio, 76, p.312). Sêneca entendia que a busca por conhecimento deveria ser um caminho de promoção do homem na sociedade.

Ao considerar que a educação deveria ser fundamentada em bases sólidas e a importância da assimilação dos conteúdos, Sêneca mostrou a necessidade de um currículo que obtivesse conteúdos com a maior possibilidade formativa, rompendo com conteúdos que não tivessem esse mesmo propósito, dessa forma mostrou os caminhos da educação de aparência e ineficaz, sendo primeiro aprender por dinheiro e o segundo desvincular instrução de formação (PEREIRA MELO, 2015). Sendo com essa compreensão que o filósofo destaca a importância da sabedoria.

A sabedoria e/ou conhecimento, em Sêneca, não se constituía apenas no domínio teórico, mas também na ação, pois eram os ensinamentos para viver e para morrer. Ele condenava estudos que não obtivesse esse enfoque, chamando de filologia que seriam verbalidades vãs, apenas considerado virtuosismo, que não se comprometia com a educação pois esta deveria ser voltada para a perfeição do homem.

Em contexto com o pensamento senequiano, o Relatório Delors tem a perspectiva da sociedade capitalista sendo seu pensamento desenvolvido referente ao século XXI. Pensando nesse homem que emergirá nessa sociedade, cabe a educação a função de moldar, caracterizando a personalidade e o modo de vida desse cidadão. A preocupação maior é manter as relações sociais amenas, sem conflitos, para tanto ele nos aponta as tensões entre classes como um dos problemas sociais existentes, sendo assim, atribui a escola o papel de apaziguadora desses conflitos, mesmo em casos de relações explicitamente rompida.

Espera se que a Educação ajude sujeitos, grupos sociais e países a buscarem o “querer viver juntos”, mesmo que os laços sociais estejam rompidos, mesmo que a desigualdade social esteja presente (GALUCH; SFORNI, 2011, p. 59).

De acordo com o exposto, o Relatório apresenta como cerne dessa ideia um dos quatro pilares para a educação, o aprender a conviver,

Aprender a conviver, desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências – realizar projetos comuns e preparar-se para gerenciar conflitos – no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz (DELORS, 2010 p. 31).

Seria então pertinente a esse indivíduo aprender a viver e a respeitar o outro em suas diferenças. A escola nesse contexto não é a redentora, que poderia transformar a vida daquele que a busca e sim mantenedora de conceito de vida permanente, mesmo que seja em situações paupérrimas. A ideia não é elevar o homem em suas qualidades e sim de aceitar sua condição social e pessoal buscando harmonia não para o seu bem maior e sim para um bem coletivo, independente do seu estado de vida.

O Relatório Delors, diferentemente de Sêneca, apresenta a escola como um processo de qualificação profissional e não de desenvolvimento pessoal, priorizando a aceitação das diferenças sociais e não como um meio de mudança pessoal e elevação do ser.

Podemos ater ao fato que, tanto Sêneca quanto o Relatório Delors, pensa a instituição de ensino como o local de desenvolvimento de saberes para a vida em sociedade e pessoal, entretanto, seus conceitos se diferenciam ao assumirem orientações diversas, ao ponto de se tornarem opostas e até mesmo divergentes.

5. Aprendizagem, um caminho para a superficialidade ou elevação do saber

Quando Sêneca escreveu para Lucílio “sofremos de intemperança em tudo, até no uso das letras. Estudamos para a escola, e não para a vida!” (SÊNeca, 106, p. 586). Sua objeção era sobre os estudos que somente tornavam o homem erudito e não os transmitiam os verdadeiros valores que eleva o discípulo e a sociedade, ocupando muito tempo com aprendizados supérfluos e, assim não se dedicava ao que mais importava para a vida de um sábio, os verdadeiros conhecimentos que prepararia o indivíduo.

Em face disto, são perfeitamente compreensíveis suas constantes críticas à educação de corte intelectual comprometida com a superficialidade, na qual se confundia cultura com sabedoria e instrução com educação (PEREIRA MELO, 2007).

Para Sêneca, aquele que deseja ser sábio deve dedicar-se constantemente, se libertar dos desejos e vícios que o impeça de ser sábio, “Essa condição representava a chave da formação liberal. Era necessário se libertar das coisas inúteis para que o espírito, num processo de busca, se fartasse da verdadeira sabedoria” (PEREIRA MELO, 2007), e além disso, buscar conhecimentos que elevem a alma e não a encha de verdades infrutíferas.

[...] “Saber” é algo de muito mais vasto, e também mais simples: não são precisas muitas letras para nos darem um espírito bem formado; nós é que estamos habituados a desperdiçar tudo, e a filosofia não foge à regra (CARTA, 106, p.586).

Sêneca deixava bem claro, que não havia intenção de ensinar a seu discípulo assuntos que o acumulasse em entendimento e o fizesse “saber mais, e sim saber melhor” (CARTA 89, p.438). Constata ao seu discípulo Lucílio na carta 88, que as artes liberais não levam a adquirir virtude, portanto não se deve ater a elas os seus empenhos. Ele considera artes liberais aqueles estudos que pouco acrescenta a sabedoria, conhecimentos diversos apenas faz o homem erudito, doutor em oratória e não seria essa a virtude de um sábio. “Sabedoria é o bem supremo do espírito humano” (CARTA 89, p.432).

O autor entende que o conhecimento deveria ser a promoção do discípulo e da sociedade, para tanto, mencionava a importância de estabelecer matérias que desse maior possibilidade formativa eliminando as outras que não tivessem o mesmo objetivo.

Por esse motivo, Sêneca considerou que o êxito do processo educativo passava pelo que se ensinava e pelo que se assimilava. O que explica a importância que ele deu à elaboração de um currículo, à opção por conteúdos de maior possibilidade formativa, os quais, por extensão, rompessem com as matérias que não levavam a esse propósito (PEREIRA MELO, 2007, p. 64).

Para tanto, não tinha como intenção criticar os conceitos que propunham ensinar e sim a direção do estudo que acabavam sendo direcionado a fins superficiais. Para que isso não ocorresse era preciso ter uma concordância entre a teoria e a prática.

[...] Procure recolher, isso sim, preceitos que te sejam úteis, frases e lições cheias de sentidos que possas desde logo pôr em actos.

Ninguém, em meu entender, é prejudicial à humanidade do que aquelas que estudam a filosofia como um mister venal, e que vivem em total discordância com aquilo que apregoam (CARTAS 108 p. 602).

Já no Relatório Delors, para sinalizar os conceitos que a educação deve ser ministrada em sala de aula, o autor considerou as diferenças sociais como base. A principal característica desse pensamento é manter as classes favorecidas economicamente, pois para escolher os conteúdos não foi considerada a instrumentalização dos desfavorecidos para que esses rompessem com os agulhões que os aprisionam em uma realidade infrutífera. O objetivo foi manter os emponderados de saber e de benefícios materiais intactos das revoltas dos que estão fora desse círculo.

A educação não pode, por si só, resolver os problemas desencadeados pela ruptura (quando se verifica tal ocorrência) do vínculo social; no entanto existe a expectativa de que ela contribua para o desenvolvimento do desejo de conviver, elemento básico da coesão social e da identidade nacional. Essa tarefa só pode ser bem sucedida se a escola vier a fornecer sua contribuição para a promoção e integração dos grupos minoritários, mobilizando os próprios interessados em relação ao respeito por sua personalidade (DELORS, 2010, p.28).

Assim, não se teve a preocupação em promover o conhecimento pelo prazer em aprender e buscar o equilíbrio moral do indivíduo, apenas caracterizá-lo sutilmente ao seu papel de movimentar o capital com seu trabalho, considerando, desenvolver novas habilidades, para realizar tarefas diversas e cumprirem com a nova demanda de profissionalização.

Essa realidade não é desconsiderada pelos organismos internacionais, afinal ela pode representar riscos para a estabilidade social. Nesse sentido, é preciso pensar também em uma formação que esteja atenta a essas novas configurações das relações sociais. É com um olho na formação daqueles que poderão ingressar no mundo do trabalho e outro na formação daqueles que ficarão à margem dele que o Relatório Jacques Delors inicia a sua explicação sobre o desafio da Educação na atualidade: ser trabalhador e cidadão (GALUCH; SFORNI, 2011, p.59).

Depreende-se, do acima exposto, a diferença entre Sêneca e Delors em relação aos conceitos de educação oferecido aquele que busca aprender. O primeiro pensa a promoção do homem na sociedade, a fim de elevar a virtude com conhecimento que desenvolverá o sábio. O segundo pensa o homem

como um ser estático em seu meio, sem o questionamento de quem é esse indivíduo na sociedade, qual papel desenvolve e para onde gostaria de ir. Apenas o mostra onde está e que ali deve permanecer para que haja harmonia entre as classes e não cause perturbação a quem se considera o majoritário. Podemos considerar que não há preocupação com a busca pelo conhecimento para se saber mais e melhor, (como em Sêneca) mas para um saber meramente superficial, seria o que Sêneca desaprovava, visto que ele questionava o aprender apenas para o meio profissional, sem intenção de cunho intelectual.

6. Dedicção no Desenvolvimento do Conhecimento ao Longo da Vida

Sêneca menciona que o estudo deve ser constante. Ele não se refere apenas as dedicações diárias e sim a dedicação ao longo da vida considerando que não se deve julgar avançado em idade para desejar saber mais e melhor. Não se trata de permanecer na escola, a ideia é não parar nos primeiros aprendizados e sim direcionar a vida para aprender enquanto jovem e aperfeiçoar na velhice considerando a sabedoria uma fonte inesgotável.

[...] É esta a altura própria para aprender. **“Que dizes? Há então, alguma hora em que não devemos aprender?”** Não há; somente, se em qualquer idade é correto nós estudarmos, já nem em todas é próprio aprender as primeiras letras. [...] devemos é adquirir em jovens os conhecimentos a utilizar na velhice! (CARTA 36, p.129, grifos do autor).

Configura-se, então, nesse contexto o apelo de Sêneca a seu discípulo Lucílio, que seguisse em frente com o intuito de uma vida digna, pelo fato da sabedoria não ser permanente ela também não é adquirida plenamente.

Para Sêneca, nada poderia substituir o próprio interesse do indivíduo ao direcionar seus estudos, somente a dedicação e um estudo dirigido levaria a virtude.

Só há uma solução, portanto: ser firme e avançar sem descanso. O caminho que resta percorrer é mais longo que o já percorrido, mas grande parte do progresso consiste na vontade de progredir. De uma coisa tenho eu plena consciência: quero progredir, quero-o com toda a alma! Sei que também tu estás cheio de entusiasmo no sentido de buscar atingir a virtude com todas as energias. Avancemos, pois só assim a vida nos será de utilidade (CARTA, 71, p.283).

Com esse propósito a virtude era desenvolvida pela busca constante e pessoal do indivíduo, era tido como um processo transformador e não poderia ser conquistado sem o consentimento de quem a busca (PEREIRA MELO, 2007). Sendo assim, quando o discípulo tinha o objetivo de desenvolver a moral, além de qualquer obstáculo enfrentado a dimensão do propósito se tornava maior. “Respalhada pela razão, a vontade ganha força decisória, porque distingue o moral do imoral, indica o caminho do bem e desvia do mal, numa dinâmica facilitadora da felicidade” (PEREIRA MELO, 2007).

Ao caminhar em busca do aperfeiçoamento, seu trajeto levaria a instância final, a virtude, e com ela adquire felicidade e por fim a conquista da liberdade, que é a essência da moral.

A essência de uma conduta moral tem por base a liberdade e o conhecimento: sem o conhecimento não se alcança a moralidade. Portanto não se trata da liberdade garantida pelo direito público, mas da liberdade como direito natural, ou seja, da liberdade, da independência, da autonomia advinda do interior, libertadora do medo da morte, da pobreza, dos vícios e de tudo o que se origina dos desejos do corpo (PEREIRA MELO, 2015, p.115).

Essa liberdade tratada por Sêneca só poderia ser obtida por meio do conhecimento, da dedicação e de uma luta constante contra os vícios, que desmoralizava o homem. A liberdade seria um prêmio para aquele que a adquirisse, está aí a importância que Sêneca dava a conquista de ser liberto, seria tirar fardos infrutíferos da vida. “Com base nisso, a ação do discípulo deve ser direta e firme contra os vícios que cerceiam a liberdade” (PEREIRA MELO, 2015).

Em Delors, encontramos esse conceito de educação ao longo da vida, baseado em quatro pilares, aprender a conhecer, a aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. No entanto, devemos esclarecer que mesmo sendo um conceito de educação permanente não traz a concepção de elevação do conhecimento para aprimoramento do saber e sim uma característica de aprimoramento profissional, assim como nos apresenta a análise feita por Sforni e Galuch,

Se o desenvolvimento das forças produtivas exige um trabalhador flexível, é preciso que a escola o ensine a aprender a conhecer e continuar aprendendo ao longo de toda a vida. Se a produção flexível

exige capacidades e habilidades para resolver problemas e trabalhar em grupo, a escola deve incluir entre as suas aprendizagens não a formação profissional em si, mas o “aprender a fazer”, de modo que os estudantes estejam aptos a qualquer tipo de trabalho. Se o mundo do trabalho não resolve ou até acentua as “rupturas dos laços sociais”, é necessário que na escola se aprenda a viver juntos, de modo a serem minimizados os conflitos sociais. Se é necessário que os sujeitos tenham mais autonomia e se responsabilizem por si mesmos, a escola deve influenciar no desenvolvimento da personalidade dos sujeitos, de modo que eles aprendam a ser sujeitos autônomos e responsáveis e, sobretudo, que acreditem nessa possibilidade (GALUCH; SFORNI, 2011, p.59)

O discurso Deloriano, que a priori nos conquista, com um análise melhor nos leva ao pensamento em que Sêneca chamava de conhecimentos infrutíferos que não eram firmados em bases solidas que emerge a sabedoria.

Há uma preocupação com a educação na contemporaneidade, mas ela acaba por ser guiada pelo meio de sobrevivência da humanidade e não deveria ser relacionado e nem caracterizado com o modo de vida e sim sem distinção. Sua base não é o desenvolvimento do conhecimento, é a apropriação de vários saberes, o que não desenvolve o indivíduo pedagogicamente com o conhecimento sistematizado.

Observa-se também que mesmo se tratando de educação escolar, não se fala em conhecimento; fala-se, isto sim, em saberes. O conhecimento remete à teoria, ao domínio de formas complexas de pensamento, para além de situações cotidianas. Valorizar o conhecimento implica considerar a escola como a instituição a qual cabe permitir a todos aqueles que a frequentam o acesso ao conhecimento universal, fruto das conquistas da humanidade; justamente o saber que permite ao sujeito alcançar um patamar mais elevado em termos de compreensão dos fenômenos, sejam eles naturais, sociais, políticos, econômicos, etc., ou seja, elevar o pensamento (GALUCH; SFORNI, 2011 p.63).

Considerar o modo de vida do aluno e seus saberes cotidianos poderia ser levado como um ponto de partida, logo seu horizonte ser aprimorado e ter a consciência que o conhecimento pode transformar o indivíduo e a sociedade em que vive. “Isso quer dizer que a realidade deve ser objeto de estudo; mas de um estudo mediado pelo conhecimento científico” (GALUCH; SFORNI, 2011). Ou seja, não é interessante priorizar o meio sem a intenção de estabelecer relação com os conhecimentos mais aprimorados. A permanência na vida cotidiana não tráz novos conhecimentos que aprimore, não contribuindo para a promoção da sabedoria deixando o que aprende estático

em saberes. Contrariando o pensamento Sêneciano de elevação do homem por meio do conhecimento que se aprimora ao longo da vida, baseado em leituras e pesquisas concretas.

7. Considerações Finais

Configura-se, nesse contexto a preocupação de Sêneca com o homem de seu tempo e sua formação para chegar à condição de sábio. O pensamento de educação Sêneciano é relacionado com a formação moral, considerando as práticas pedagógicas um meio de facilitar essa formação, visto que para o autor a prática da virtude é que designaria o homem ideal.

Em contrapartida, Delors encontramos a preocupação com a formação do homem voltada para o meio profissional, pautada em uma metodologia passiva na qual o indivíduo não é convidado a questionar o seu modo de vida e sim aceitá-lo.

Porém, no conceito de educação ao longo da vida pode-se perceber que há uma preocupação dos dois autores que se divergem, pois em Sêneca aprender ao longo da vida seria um meio de aprimorar seu modo de viver, seu pensamento, ou seja, contribuição para seu próprio ser, enquanto em Delors esse mesmo pensamento toma rumos diferentes, se referindo a dedicação aos estudos ao longo da vida como meio de estar sempre pronto para novas oportunidades no meio profissional.

Isso posto, percebe-se que os questionamentos da formação do homem em Delors não são os mesmos da formação do homem proposta por Sêneca. Enquanto um está preocupado com a inserção na sociedade e o que fazer com aqueles que estão à margem dos riscos para que não criem conflitos o outro pensa o homem em sua individualidade até mesmo em seu isolamento para que assim possa chegar a uma reflexão melhor da sua própria vida, ou seja, que busque a felicidade.

Portanto, Sêneca acredita que a sabedoria poderia mudar o homem e esse com suas atitudes elevadas em conhecimento poderá mudar a sociedade. Já em Delors a educação pode acrescentar ao indivíduo para que esse aceite a sociedade que esta inserido.

Que pese as diferenças entre esses dois pensamentos, não se pode esquecer que, embora a reflexão senequiana esteja voltada para a promoção humana, o homem que ele tinha em vista, era o cidadão romano, os setores dominantes daquela sociedade. O homem simples, negado, explorado pela ordem posta, pode se dizer, não fazia parte das preocupações, e quando o era, não tinha outro caráter a não ser uma preocupação humanitária.

Vale também lembrar, que os conceitos morais e éticos por ele defendidos, ganham dimensões universais, visto dizerem respeito a todos os homens, indistinto de setores sociais, por serem propriedades do homem, da humanidade, daí a sua perenidade.

No referente à educação e/ou escola, em ambos, tem a mesma função social, a adequação do homem ao seu tempo, às necessidades da sua sociedade.

REFERÊNCIAS

DELORS. J. **Educação: Um Tesouro a Descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional Sobre a Educação no século XXI. Brasília, jun. 2010.

GALUCH, Teresina Bellanda; SFORNI, Marta Sueli de Faria. **Interfaces entre políticas educacionais, prática pedagógica e formação humana**. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v.6, n.1, p. 55-66, jan.-jun. 2011. Disponível em <<http://www.periodicos.uepg.br>> Acesso em 01/11/2017

MELO, José Joaquim Pereira. **A Educação Senequiana**. Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 21, n. 41, p. 61-87, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia>> Acesso em: 01/11/2017

MELO, José Joaquim Pereira. **O Sábio Senequiano Um Educador a Temporal**, UEM, Maringá, 2015.

NOVAK, Maria da Gloria. **Estoicismo e Epicurismo em Roma**. Revista Clássica. n 3. São Paulo. 1999. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/letrasclassicas>> Acesso em 28/09/2017

SÊNECA, Lúcio Aneu. **Cartas a Lucílio**. 2º Ed. Lisboa, Editora Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.